

Nietzsche e a arte de olvidar

Renato Nunes Bittencourt

Doutorando em Filosofia do PPGF– UFRJ/Bolsista do CNPq

As reflexões de Nietzsche sobre a questão do uso da memória para a vida se encontram presentes desde os seus escritos de juventude, sobretudo na Segunda Consideração Intempestiva. Neste referido ensaio, Nietzsche analisa os malefícios que o excesso de sentido histórico pode motivar na vida humana, a partir de suas manifestações exacerbadas na cultura, no conhecimento e na própria existência, pelo fato de bloquear as forças criativas humanas. Em vista desse grande problema, Nietzsche proclama a idéia de que “precisamos [da história] para a vida e para a ação, não para o abandono confortável da vida ou da ação ou mesmo para o embelezamento da vida egoísta e da ação covarde e ruim.”¹

Devido ao desenvolvimento da consciência histórica na cultura européia do Oitocentismo, Nietzsche considerava que essa sociedade vivia um grande crise de valores, pois estaria perdendo sua vitalidade intrínseca, situação motivada por sua própria estagnação de forças, situação essa que decorreria do projeto de se considerar qualquer ação humana como resultado de um inextricável processo histórico. Para Nietzsche, a valorização exagerada do sentido histórico travaria o desenvolvimento de ações que favoreceriam a renovação das forças criativas da cultura européia.² Afinal, os historiadores da modernidade, ao pretenderem elevar o seu ofício a um nível de precisão similar ao de uma ciência pura tal como a matemática, estariam transformando os seus objetos de pesquisa, caracterizados pela contingência, em fatos rígidos e estritamente necessários.³

¹ NIETZSCHE, F. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem do uso da História para a vida*, “Prólogo”. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

² NIETZSCHE, F. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem do uso da História para a vida*, “Prólogo”.

³ NIETZSCHE, F. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem do uso da História para a vida*, § 1.

Nietzsche reitera que a consciência histórica se torna importante para a vida quando ela é utilizada como um estímulo para a ação individual ou coletiva, tendo como objetivo o desenvolvimento de obras que engrandecem as forças criativas da cultura, tal como ocorre na memória popular, que perpetua os feitos dos grandes nomes do passado como forma de que outros homens do porvir possam se basear nestes heróis no empreendimento de novas ações.¹ Todavia, quando o conhecimento histórico é utilizado como um mero recurso que visa o retorno intelectual e afetivo ao passado, sem que exista o projeto de se desenvolver novas ações criativas, o homem se torna uma esquelética figura nostálgica que abdica de viver plenamente o seu instante presente para dirigir o seu saudoso olhar ao brilhante e longínquo passado, situação que motivaria a perda da capacidade de se criar novos valores. Nessas condições, a cultura histórica se torna um depósito de vivências mórbidas que paralisam as forças criativas e a singularidade do homem criativo. Dessa maneira, torna-se extremamente necessário uma certa dose de esquecimento, a fim de que a cultura social possa adquirir a capacidade de se voltar continuamente para o novo.²

Devemos destacar que, no decorrer de sua obra, Nietzsche associa o excesso de sentido histórico oitocentista com o tipo psicológico que se caracteriza pela impossibilidade de se desvencilhar dos conteúdos de memória aglomerados na sua mente, situação que motiva o enfraquecimento de sua própria vitalidade, como decorrência da incapacidade desse indivíduo de memória hipertrofiada olvidar o seu lastro de recordações, as quais, muitas vezes tristes, impedem a flexibilidade das suas ações. Trata-se da figura que Nietzsche define como o “homem do ressentimento”³, do qual trataremos com detalhes ao longo deste escrito. Para compreendermos esse problema, vejamos primeiro as duas

¹ NIETZSCHE, F. *Segunda Consideração Intempestiva*: da utilidade e desvantagem do uso da História para a vida, § 1.

² NIETZSCHE, F. *Segunda Consideração Intempestiva*: da utilidade e desvantagem do uso da História para a vida, § 2.

³ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. I, § 10.

valorações morais básicas acerca da vida, tal como apresentada por Nietzsche na sua *Genealogia da Moral*:

Uma seria a concernente à “moral dos senhores”, pautada na afirmação da vitalidade, na celebração da saúde, na criação de valores afirmativos e na prática da agonística (exercício entre oponentes constituídos por potências similares que possibilita a renovação das energias corporais a cada interação de forças). Essa moral “nobre”, portanto, concretiza uma vigorosa afirmação da vida e dos seus elementos intrínsecos.¹

Sua antítese seria a “moral dos escravos”², valorização concernente aos indivíduos incapazes tanto de conviver com os instintos primordiais da vida como de superar as adversidades do cotidiano. O elemento primordial que reflete a essência dessa referida moral reside no ressentimento.³ Trata-se de um distúrbio psicofisiológico que surge na vida de um indivíduo a partir do momento em que este, ao sofrer alguma impressão, não consegue reagir adequadamente a este estímulo, circunstância que motiva na sua afetividade um sentimento de impotência. Ao invés de procurar meios para ultrapassar ou mesmo igualar sua potência com a de seu oponente, o tipo “escravo” abdica dessa interação de forças, por temer ser solapado pelo seu “rival”. Consequentemente, sendo incapaz de agir de modo afirmativo na sua existência, o “fraco” desenvolve sentimentos que impedem a expansão das suas forças vitais, tornando-se uma figura deslocada da realidade cotidiana, desprovido da capacidade de lutar pela afirmação de sua potência de competir alegremente com seus “rivais”, em prol da exibição de sua excelência vital.

De acordo com a perspectiva nietzschiana, a motivação básica do ressentimento se encontra na incapacidade de um homem “saber esquecer” vivências que afetaram-lhe de maneira negativa sua vida. Uma vez sendo incapaz de agir ou mesmo de reagir diante de uma situação desagradável, resta ao tipo ressentido reviver afetivamente as suas experiências, regalando-se novamente nesse asfixiante estado

¹ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*, I, § 10.

² NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*, I, §10.

³ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*, I, §10.

de tristeza que deprime as suas próprias energias vitais.¹ Segundo Nietzsche,

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação.²

Ao sofrer uma agressão, o tipo “escravo”, uma vez carecendo da força que lhe permite uma reação, vislumbra obstinadamente a possibilidade de efetivar uma revanche contra o seu rival, em um tenebroso estado de vingança que, no entanto, nunca consegue concretizar. Vejamos o “diagnóstico” psicológico realizado por Nietzsche acerca desse problema:

(...) E nenhuma chama nos devora tão rapidamente quanto os afetos do ressentimento. O aborrecimento, a suscetibilidade doentia, a impotência de vingança, o desejo, a sede de vingança, o revolver venenos em todo sentido – para os exaustos é esta certamente a forma mais nociva de reação: produz um rápido consumo de energia nervosa, um aumento doentio de secreções prejudiciais, de bílis no estômago, por exemplo. O ressentimento é o proibido em si para o doente. (...) O ressentimento, nascido da fraqueza, não é prejudicial a ninguém mais que ao próprio fraco.³

Nessa situação, gera-se um asfixiante círculo vicioso, pois, quanto mais o tipo fraco se ressent, por causa da sua incapacidade de transformar o seu estado de inércia em uma atividade efetiva, mais ele se entristecerá por tal situação, motivando assim o acúmulo de sentimentos tristes na sua estrutura psíquica, fato este que impede que ele retire das suas vivências o substrato necessário para a ampliação da sua capacidade de ação e o decorrente acúmulo de forças. Afinal, na concepção de Nietzsche, o estado de ressentimento é sintoma de declínio, de fraqueza, expressão de uma decadência construída ao longo de uma vida estéril, incapaz de criar valores, carente de qualquer orientação existencial e de senso de beleza.

¹ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*, II, § 1.

² NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*, I, § 10.

³ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*, “Porque eu sou tão sábio”, § 6. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

No entanto, devemos ressaltar que, segundo a perspectiva de Nietzsche, mais importante que o simples ato de reagir, consiste no poderoso ato de esquecer, pois, para o homem “nobre”, abundante de afetos saudáveis, capaz de afirmar a sua potência intrínseca, uma agressão ou uma ameaça externa não motiva o seu enfraquecimento, mas, pelo contrário, o seu fortalecimento, pois ele retira das dificuldades cotidianas da vida as forças erísticas que motivam a sua constante superação. Desse modo, se justifica o sentido da conhecida máxima nietzschiana, “na escola bélica da vida, o que não mata fortalece”¹: trata-se de uma expressão própria dos homens vigorosos, excelentes, que são capazes de, através de uma experiência difícil, reunir forças para superar as suas próprias limitações pessoais. Podemos aproveitar a leitura de Oswaldo Giacóia, o qual, na sua interpretação acerca do modo de ação do “homem nobre”, considera que

Nos termos dessa teoria nietzscheana do ativo e do reativo, forte não é aquele que é capaz de sujeitar o outro pela violência, ou de impor de modo impiedoso e desconsiderado seus apetites de poder, seus interesses. Em sentido próprio, forte é aquele que possui uma força plástica de esquecimento e assimilação mais inteira, mais organicamente sadia.²

Para Nietzsche, um homem de disposição ativa e de espírito jubiloso, saudável, raramente se deixa afetar pelo efeito peçonhento do ressentimento, uma vez que ele desenvolveu uma estrutura psíquica capaz de mitigar as influências maléficas das agressões externas, favorecendo assim o esquecimento dos afetos desagradáveis decorrentes de uma possível ofensa sofrida. Para elucidar essa questão, Nietzsche recorre ao interessante caso do célebre Conde de Mirabeau, uma das figuras políticas mais importantes do período de ebulição da Revolução Francesa, salientando que o referido nobre não perdoava as ofensas cometidas

¹ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos Ídolos*, “Sentenças e Setas”, § 8. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

² GIACÓIA JR., O. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo. Editora da Unisinos, 2001.p. 84-85.

por seus adversários, afirmando ainda que ele nem mesmo conseguia se lembrar delas, pois as esquecia completamente.¹

Nietzsche considera que a possibilidade de se superar os transtornos resultantes dos malefícios do ressentimento residiria no exercício do esquecimento, uma arte propriamente dita, um poderoso instrumento na luta contra os tormentos ocasionados pelo ódio, sentimento que instiga o homem a se vingar obstinadamente de seus rivais. Posto isto, é importante ressaltar que, segundo o pensamento de Nietzsche,

Mesmo o ressentimento do homem nobre, quando nele aparece, se consome e se esgota em uma reação imediata, por isso não envenena. Por outro lado, nem sequer aparece, em inúmeros casos em que é inevitável nos impotentes e fracos.²

O tipo “nobre”, pelo fato de desenvolver suas forças numa intensidade máxima, e por estar preenchido por afetos de satisfação e de júbilo, não poderia sofrer o impacto de fatores externos tristes, os quais, ao se chocarem com a sua afetividade assimiladora, demonstram-se incapazes de enfraquecerem a sua vitalidade ou bloquearem a expansão de sua potência de agir. Contudo, devemos ressaltar que, quando uma manifestação abrupta de forças ocorre no momento em que o homem nobre expressa a sua potência, esta circunstância não deixa impressões depressivas na sua afetividade, tampouco prejudica a sua organização fisiológica, pois a sua ação decorre de um excesso de forças, tal como a erupção de um vulcão.

Entretanto, devemos ressaltar que a característica peculiar do tipo nobre reside na superioridade em relação aos “homens subterrâneos”, aos ansiosos pela concretização da vingança, de modo que ele geralmente responde às manifestações dos ressentidos com o seu desprezo. Tal situação peculiar leva Nietzsche a afirmar que “um homem forte e bem constituído digere suas vivências (feitos e malfeitos incluídos) como suas refeições, mesmo quando tem de engolir duros bocados.”³ Podemos constatar que Nietzsche, ao invés

¹ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*, I, § 10.

² NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*, I, § 10.

³ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*, III, § 16.

de propor para o tipo de homem forte e valoroso, que sofre algum tipo de agressão (seja física ou moral), venha a efetivar o ato de revidar imediatamente ao impropério, valorize, pelo contrário, a salutar capacidade de esquecer as impressões adquiridas mediante as vivências cotidianas.¹ Porém, devemos ressaltar que a atitude do homem nobre em não reagir às exortações por parte do agressor não implica de modo algum a comprovação do estado de impotência dessa qualidade de pessoa diante dessa causa externa. Podemos justificar essa posição pelo fato de que o “homem nobre” adquiriu a compreensão de que, se porventura ele agir meramente por reação contra outrem, essa atitude não denotaria uma criatividade autêntica, pois esta se desenvolve sobretudo através da expressão de uma potência singular, que de maneira alguma depende das determinações das influências externas.

Certamente o ponto de grande relevância dessa questão para a compreensão da natureza psicológica da mente humana consiste no fato de que a nossa tradição filosófica concedeu extrema importância para as capacidades mnemônicas do ser humano, considerando o esquecimento como a simples perda da atividade registradora da memória.² Entretanto, na perspectiva de Nietzsche, o esquecimento, considerado como um processo de atividade psicológica que, por libertar a consciência afetiva do homem do excesso de recordações, favorecendo assim a formação e consolidação de uma vida saudável, possuiria muito mais importância para o homem do que a memória. Trata-se de uma questão polêmica, certamente, mas se levarmos em conta que a memória, quando utilizada de forma displicente, motiva

¹ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*, II, § 1.

² Para enriquecimento desta questão presentemente tratada, vejamos uma breve explanação de Santo Agostinho acerca dessa questão: “Que é o esquecimento senão a privação da memória? E como é, então, que o esquecimento pode ser objeto da memória se, quando está presente, não me posso recordar? Se nós retemos na memória aquilo de que nos lembramos, e se nos é impossível, ao ouvir a palavra 'esquecimento', compreender o que ela significa, a não ser que dele nos lembremos, conclui-se que a memória retém o esquecimento.” [Cf. AGOSTINHO, Sto. *Confissões*, X, 16. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

o acúmulo de vivências desprovidas de relevância para o desenvolvimento saudável da vida.

Numa compreensão comum da existência, a memória é considerada como um aparato da mente que registra os fatos da existência e conteúdos do pensamento, sem que, ao menos, ocorra a preocupação de se realizar uma seleção dos dados que são realmente relevantes para a manutenção de uma existência afirmativa e criativa, e os que somente preenchem a mente, tal como se esta fosse um “arquivo morto”, abarrotado de informações triviais, ou ainda de registros afetivos que instigam a mente ao declínio, tais como as recordações depressivas, tristes, conforme analisado anteriormente. De acordo com Nietzsche,

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças a qual o que é por nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar assimilação psíquica), do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou “assimilação física” (...). Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo dos órgãos serviais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de tabula rasa da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (pois nosso organismo é disposto hierarquicamente) – eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento. O homem no qual esse aparelho inibidor é danificado e deixa de funcionar pode ser comparado (e não só comparado) a um dispéptico ¹

O esquecimento, portanto, não decorreria da passividade da mente humana, sendo, ao contrário, uma poderosa atividade de assimilação, por sinal muito mais intensa do que a apreensão de informações coletadas pela memória, por proporcionar a seleção das lembranças que estimulam a ampliação das forças vitais do homem, impedindo-o de sucumbir perante o fardo de suas próprias

¹ NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*, II, § 1.

recordações, as quais, muitas vezes, por se pautarem na lembrança de eventos tristes, somente se prestam a enfraquecê-lo, minando a sua energia constituinte. Portanto, não apenas a memória poderia ser considerada pela tradição cultural como uma espécie de “arte”, mas também o esquecimento, apesar de que, importante ressaltar, o seu aprendizado é deveras muito mais árduo, dado a disposição natural do homem em conceder um caráter histórico para todas as suas ações no mundo, assim como registrar no seu psiquismo as suas recordações existenciais.

Todavia, podemos considerar que a memória, quando associada ao esquecimento, pode favorecer a afirmação da vida humana, através da formação de uma benéfica circunstância na qual ambas as instâncias psíquicas se complementariam. Desse modo, a consciência mnemônica poderia armazenar consigo somente os conteúdos mentais que, a nível afetivo, possam outorgar ao homem júbilo e satisfação, enquanto, por sua vez, o esquecimento se encarregaria de excluir da mente humana os seus conteúdos ruins – decepções, rancores, tristezas etc. – que podem tornar o homem impotente para agir, devido ao seu depósito de recordações nos venturosos “palácios da memória.”¹ Inclusive, devemos que, quando atinge esse nível de desenvolvimento, a memória se torna seletiva, posto que adquirimos a capacidade de escolher rigorosamente os conteúdos mentais e impressões que poderão favorecer o aumento da intensidade da nossa ação, através de um estímulo afetivo que nos instigue a recriarmos obras grandiosas no presente, tais como outrora foram realizadas. Essa situação, portanto, é plenamente distinta da nostalgia, desse saudoso, porém maléfico divagar pela introspecção dos eventos do passado, lembrados continuamente pela consciência mnemônica. Esse apego excessivo ao que já aconteceu paralisa as forças vitais da cultura, pois a sociedade tende a considerar como extraordinário e grandioso apenas aquilo que foi feito nos tempos do passado.

¹ AGOSTINHO, Sto. *Confissões*, X, 8.

Por conseguinte, baseando-se pelo pensamento de Nietzsche, podemos afirmar que, somente enquanto pautada no processo de seletividade daquilo que é saudável ou ruim para a vida pessoal, a memória adquire um estatuto de importância capital para a condição existencial do homem, pela sua arguta capacidade de detectar quais são os conteúdos bons e os conteúdos ruins para o desenvolvimento da vida, ao contrário da memória hipertrofiada que, por aceitar os dados e impressões provenientes do mundo exterior, mitiga as potências criativas de um indivíduo, impossibilitando a expansão de sua característica básica, o ato de valorar.

Após essa divagação, talvez seja possível compreendermos as motivações que conduzem Nietzsche a afirmar que a História se torna importante para a vida a partir do momento em que ela é utilizada para enaltecer o homem criativo e as suas obras, estimulando sempre a renovação das forças vitais, sendo, ao contrário, extremamente prejudicial quando se reduz a um mero armazenamento de informações que, de nenhum modo, servem como impulso para a ação, e, por conseguinte, para a vida. Afinal de contas, a memória e a História, quando desprovidas de um ato de avaliação sobre o que é “bom” e “mau” para a existência, acerca do que é digno ou não de ser lembrado, conduz o homem ao estado de inatividade, e conseqüentemente, ao ressentimento, expressão por excelência da decadência vital.

Portanto, podemos ver que Nietzsche não deprecia o valor da consciência histórica tal como realizado pela tradição da cultura social, mas sim a exacerbação desse modelo de conhecimento, ou seja, quando o uso da História se torna não um recurso que favoreça a ampliação da capacidade criativa do homem, mas um fim encerrado em si mesmo, a estéril “História pela História”. As críticas de Nietzsche empreendidas contra a hipertrofia da memória se inserem perfeitamente nesta mesma temática, justamente pelo fato de que a investigação histórica é o registro individual da interação humana com o mundo, podendo ser benéfica ou maléfica para o desenvolvimento da vida e suas forças, de acordo com o modo empregado pelo homem. No entanto, certamente o mais importante para a vida reside no equilíbrio que pode existir entre as forças da memória e o esquecimento, através da seletividade, uma vez que, se o homem fosse constituído

apenas pela memória, ele soçobriria diante do peso das recordações, enquanto, sendo somente constituído pelo esquecimento, pode caminhar rumo ao aniquilamento.

Dentre as duas atividades, o esquecimento demonstra, segundo Nietzsche, uma intensidade muito mais poderosa na mente afetiva do homem, mas, entretanto, ele deve ser utilizado por um indivíduo sobretudo como possibilidade de se assimilar as vivências tristes que prejudicam o bem-estar de sua afetividade, restringindo o seu campo de ação neste importante processo, sem o qual a vida humana seria praticamente inviável de se desenvolver através de uma perspectiva saudável. Agindo de modo interativo, a memória e o esquecimento impedem que sucumbamos perante as nossas próprias recordações, ao mesmo tempo que são instrumentos de estímulo para a ação, a partir do momento em que compreendemos adequadamente o valor do passado.